



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Batalha-Lisboa*. Telefone 5399 0.
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A INTERNACIONAL VERDE

Uma das consequências da guerra mundial foi trazer a terreno, com uma rara acuidade, a questão rural. E, por este motivo, a guerra, preparada pelos capitalistas de todas as nações, desencadeada pelos capitalistas alemães, tem um alcance democrático e social considerável, em sentido absolutamente contrário ao fim que em mira tinham os capitalistas. Os factos demonstram duma maneira evidente, para quem sabe ver, como os desejos dos homens são imperantes quando vão ao encontro das directivas gerais seguidas pela humanidade na sua evolução sem fim, determinada inelutavelmente por uma multidão de factores climatéricos telúricos, biológicos e sociais.

Por toda a parte a guerra enriqueceu mais ou menos o camponês, conforme era ou não proprietário total ou parcial da sua exploração. As consequências deste enriquecimento foram diversas. O camponês elevou o seu tipo de vida no ponto de vista alimentar e do vestuário. E no ponto de vista da habitação, isso será obra dum futuro próximo. Ao mesmo tempo, o camponês tomou consciência do enorme papel social representado pela charrua e pelo arado. E por uma forma mais ou menos nítida, compreendeu a indispensabilidade do trabalho da terra.

A sua importância aumentou, aliás legitimamente. O cultivador apercebeu-se que tinha sido uma vítima da guerra e a sua confiança nos chefes desvanecida. A guerra, para muitos, foi uma escola de anarquia. A sua tendência actual leva-o a não acreditar em ninguém, a não ser em si, tratando ele só dos seus negócios. Mas, por outro lado, o camponês, por enquanto, só muito confusamente apreende a solidariedade íntima que o liga, a ele, produtor rural, ao produtor industrial.

Os fenómenos sociais dos nossos dias começam a desvendarem-lhe novos horizontes. Daqui a alguns meses, sob a dura pressão das gerais condições económico-sociais, há de por toda a parte perceber-se a solidariedade que liga os operários das cidades aos operários dos campos.

A guerra provocou, portanto, uma verdadeira revolução camponesa, que se encontra em pleno processo de estabilização.

Se, da costa dinamarquesa do Báltico às margens orientais do Adriático, tirarmos uma linha, pode dizer-se que ao oriente desta linha a massa proletária era ou é sobretudo uma massa camponesa. Ontem, isto é, antes da guerra, esta massa de camponeses eram os «sem-terra» porque, no seu conjunto, o solo era propriedade de grandes proprietários territoriais, quasi sempre nobres. O regime feudal subsistia na realidade ao oriente desta linha; enquanto que ao ocidente, com excepções ainda muito numerosas, este regime tinha desaparecido. Constatamos neste facto a permanência de fenómenos sociológicos durante longos séculos, apesar de múltiplas revoluções feitas com sucesso para os destruir.

Hoje, no pós-guerra das nações e em plena guerra social, a massa camponesa dos sem-terra entrou na posse da mesma. Realizou-se isto já na Rússia, nos países bálticos, na Tchecoslováquia e na Bulgária. Achem-se em via de realização na Roménia, na Polónia, na Iugoslávia e no sul da Itália. Os grandes domínios territoriais são divididos e partilhados entre os trabalhadores do campo. Nuns sítios com indemnização aos proprietários, noutros não. Aqui se faz por compra, além por presa. O detalhe não tem importância. Só tem valor no ponto de vista individual, mas absolutamente nenhum no ponto de vista social. O que tem valor sociológico, difícil até de medir em toda a sua plenitude, é o facto de pela posse do solo e do seu enriquecimento—por mínimo que seja, e que na realidade é—o camponês ter enfim entrada na órbita da civilização contemporânea.

Até aos nossos dias o bem-estar das cidades repousava na miséria dos camponeses, rendeiros e jornaleros agrícolas. Presentemente isso acabou. E os que mais há de sofrer as consequências desta enorme modificação social, serão as diversas fracções da classe capitalista. Julgam estas poderem continuar a fazer sobre o mundo dos trabalhadores, tanto urbanos como rurais, a prelibação que há tantos séculos fazem. E assim o crêem porque contam opor o campo à cidade, a herança à oficina. E o eterno dividir para reinar.

Os capitalistas esforçam-se presentemente por criar, conservar e desenvolver esta oposição. E acreditamos ter obtido um certo sucesso em França, no ponto de vista eleitoral, na Alemanha do Sul (Baviera) e na Prússia oriental, no ponto de vista anti-socialista, por intermédio das ligas rurais, dirigidas pelos grandes proprietários. Este sucesso será momentâneo, muito curto até, porque, nas actuais condições do mundo, a velocidade com que os acontecimentos se sucedem, acelerou-se em extremo. Este momentâneo sucesso deu aos dirigentes capitalistas a ilusão do triunfo. Tenham um pouco de paciência, muito pouco mesmo e há de ver desvanecerem-se as suas ilusões ao impulso dos factos. Olhem para a Bulgária. Talvez possam compreender...

Em Fevereiro último, realizou-se em Sofia um Congresso de agricultores. Nê se fizeram representar milhares de delegados. Verdadeiros camponeses que cultivam as terras com o auxílio de suas famílias, ou domésticas que compartilham da sua própria vida. Estes milhares de camponeses atravessaram a cidade em procissão, levando à sua frente ministros, camponeses como eles, porque o governo búlgaro está nas mãos do partido camponês, o que, repito, não quer dizer que esteja nas mãos do partido dos grandes proprietários da terra. Pois bem. Nesta procissão, como em todas as procissões respeitáveis, havia bandeiras e nelas se lia «Viva a Internacional que há-de consagrar a fraternidade dos povos da Europa e suprimir a ditadura das minorias!» «A União faz a força!» «Agricultores, uni-vos: a charrua e o arado sustentam o mundo!» «A força, os culpados da catástrofe e os militaristas!» etc. O camponês de todos os tempos é sempre o campeão do Danúbio do nosso La Fontaine. E, quando ouso, não escolhe os termos, e agora começa por toda a parte a ter um dâmbio. O camponês Stamboulsky, o primeiro ministro da Bulgária, mantém-se porque assim é forçado, como camponês do Danúbio.

Ao dirigir-se à multidão dos delegados do Congresso, disse-lhes que queria a Internacional camponesa para defender os direitos e os interesses dos pequenos proprietários rurais tanto contra os autocratas bolchevistas como contra os autocratas reacçãoários, grandes proprietários industriais, financeiros e comerciais. Preconizou a fundação de cooperativas rurais, não sindicatos agrícolas como em França, cuja direcção está nas mãos dos ricos proprietários, que, quasi sempre, nem sequer são os que exploram a terra, mas sim cooperativas que reunissem verdadeiros cultivadores que trabalham, que impõem a chama e que maneiam o arado. E, ao mesmo tempo, este primeiro ministro celebrava a luta contra a «minoría agrícola» que não produz, isto é, contra os ricos proprietários da terra, parasitas que vivem da exploração do trabalho dos camponeses.

O partido camponês que governa na Bulgária ama tam pouco o parasitismo que votou no parlamento uma lei a favor do trabalho obrigatório para os adultos de ambos os sexos. Cada habitante deve dar um certo tempo de trabalho à colectividade. Os governos dos Aliados, que são os empregados dos capitalistas, isto é, dos parasitas, não podem admitir semelhante coisa. Por isso interdição ao governo búlgaro a execução desta lei, sob o pretexto de que era um disfarce do serviço militar de outoral. E' provável que a interdição não venha a ter valor. Em todo o caso, a lei mostra a tendência dum governo na mão de autênticos camponeses, isto é, de trabalhadores da terra. E o observador há de notar que esta tendência não é nada diferente da dum governo que tivesse nas mãos dos operários, isto é, dos trabalhadores das oficinas.

E' com efeito uma miragem esperar ver uma real oposição entre operários e camponeses. Não se existe em aparência, pois que não é da natureza das coisas. O demogogo sabe que as populações urbanas sem das populações rurais. Estas são o grande reservatório onde as afeiras, manufacturas, escolas, universidades, lojas, armazéns, laboratórios, teatros, jornais, navios, caminhos de ferro, etc., veem servir os braços e os cérebros de que necessitam para funcionar. Camponeses e operários tem a mesma origem, em parte os mesmos gostos, os mesmos costumes, as mesmas necessidades. A sua solidariedade e íntima por

EM TORNO DA RUSSIA

Volta à baía nova revolta

HELSINGFORS, 9.—Chegam aqui notícias de sublevações na Rússia Branca. As cidades de Gorki, Bioli e Kramy foram ocupadas pelos sublevados, apoiados pela população rural.

Os habitantes de Sloutsk e Igumens organizam bandos que se dispersam pela região. Os comités revolucionários fusilaram mais de 30 comunistas. —*Rádio.*

Uma conferência operária

LONDRES, 9.—Comovido pela sublevação difícilmente reprimida de Cronstadt, o governo dos Soviéticos acaba de convidar todos os operários, incluindo os não comunistas, a enviar delegados a uma conferência que deve celebrar-se em Petrogrado, na qual se poderão fazer livremente críticas ao governo sem temor de represálias. —*Rádio.*

A Polónia quer atacar a Rússia

LONDRES, 9.—Um jornal de Copenhague diz que, segundo informação de Moscú, a Polónia prepara uma acção contra a Rússia, de acordo com a Inglaterra e a Roménia. —*Rádio.*

Os Soviéticos não desejam agredir a Ásia Menor

LONDRES, 9.—Tchitcherine declarou a um correspondente do *Daily Herald* que os Soviéticos não preparavam nenhuma agressão na Ásia Menor e que estavam dispostos a observar estritamente as cláusulas do convénio com a Inglaterra, referentes à Índia e ao Afeganistão. —*Rádio.*

A TAL AMNISTIA

não é ordem de softura para uns tantos?

Até à hora de fechar o nosso jornal, um só preso operário, que as questões sociais ou económicas levaram à cadeia, foi restituído à liberdade. Temos os ouvidos cheios de frases ócas, proferidas no parlamento, nos jornais, nos cafés e nas ruas. Por toda a parte se ouve dizer que a hora é de pacificação, de harmonia.

Temos de facto reparado em alguns indícios de perfeita harmonia entre monárquicos, católicos e republicanos. Notamos, porém, que a harmonia e a pacificação é só lá entre eles.

A amnistia aos presos políticos—diz-se também—viria coroar esse obra de pacificação. Mas, afinal, a pacificação, o amor e a concordância são só para os estor do socialismo para trás. A pacificação começa nos republicanos e acaba nos absolutistas. A amnistia parece ter sido feita de propósito para que os presos por questões sociais continuem na cadeia. Será assim? Não se sabe assim. Em cada hora que passa mais se avoluma esta nossa desconfinança. Os factos talvez não la confirmem. A ver vamos.

O tratado de Versalhes

Declarações de Clemenceau

PARIS, 8.—Clemenceau rompeu finalmente o silêncio que mantinha em questão de política desde o momento em que abandonou o poder.

O velho Tigre escreveu um prefácio ao livro do sr. Tardieu, recentemente publicado, sobre o tratado de paz.

Desdenhando responder directamente aos ataques pessoais do sr. Tardieu, Clemenceau, o antigo chefe do gabinete não poupou sarcasmos tanto aos críticos do tratado, como aos que lhe sucederam no governo da França.

Clemenceau declara que um dos motivos das acras críticas ao tratado a França, é a sua resistência a certos pontos. Os que accusam o tratado são comparáveis aos maus artifices que se queimam dos instrumentos. O tratado de Versalhes não pôde ter como executor os mesmos homens que o idealizam, por isso não admira que tivesse o sucesso que teve. —*Rádio.*

Como na Alemanha classificam as propostas

BERLIN, 9.—A imprensa alemã classifica de escarificação da Alemanha as propostas impostas pela França e a opinião publica sente que é preferível permanecer no estado actual a aceitar-las.

O sr. Ullrich, director da *Deutsches Volk*, afirma que a fraqueza do governo alemão desapparecerá quando desapparecer o sr. Ullrich, alterado o tratado de Versalhes. O sr. Ullrich declara também que se financia a indústria alemã incapazes de produzir num momento centenas de milhões de ouro. —*Rádio.*

A BATALHA vende-se em

Abbeville.

todos estes laços e pelos laços de família, de amizade. Há tanta oposição entre a revolução agrícola e a revolução operária, como a que existe entre os indivíduos camponeses e os indivíduos operários. Estas duas revoluções completam-se mutuamente. Uma não pode ser sólida sem a outra. E entretanto a revolução camponesa é essencialmente individualista, enquanto que a revolução operária deve ser essencialmente socialista, isto é, a posse dos meios de trabalho deve ser de forma colectiva ou comum, como o demonstrei no meu livro *Socialismo e Anarquismo*.

Esta diferença é devida à própria natureza do trabalho. Na vida, tudo é diversidade e é loucura querer tudo uniformizar. Donde se conclui que a centralização que quer uniformizar é um erro sociológico que conduz, sempre a males sociais, e que a verdade está no federalismo, que permite a diversidade das formas sociais.

Pela força das coisas, a Internacional Verde, ainda embrionária, será impedida para a Internacional Vermelha. Esta é a sua natural aliada, enquanto que a Internacional Amarela dos capitalistas é a sua não menos natural inimiga. Sempre «o nosso inimigo é o nosso patrão».

Paris, Março de 1921.

Cultura popular

Já aqui temos feito larga referência a algumas valiosas instituições que utilizam-se para a educação e que grande contribuição tem dado à educação popular, tam necessária neste momento em que uma nova fase da vida social parece avizinhar-se.

Afastado, pela imoralidade das distrações burguesas, das belezas naturais, da arte e da ciência, envenenado pelas mentiras convencionais da vida actual, corrompido pelos espectáculos que lhe proporcionam as empresas mercantilistas, numa exploração criminosa da sua ignorância, o povo precisa destas fontes de ar puro para regeneração do seu espirito, para purificação das suas ideias. Temos aqui o fim da nossa organização, a obra da Universidade Popular Portuguesa cuja acção tem sido de um inegável valor para contrabalançar a desmoralização que os pornográficos espectáculos que por aí se representam desenvolvem no espirito popular. E não pode dizer-se que o público não tenha correspondido ao esforço daqueles que pela sua regeneração tem pugnado. Há pouco ainda organizou-se entre trabalhadores a Associação Anti-alcoólica Operária.

O veria, pequena a cidade que um grupo de rapazes, apóstolos sinceros dum ideal de humanidade, levou à criação com insanos esforços. Pequena sociedade pelo número, que a iniciou. Grande pelo objectivo que são a sua razão de existir. E o povo trabalhador não deixou sem eco o brado desses rapazes. A Associação, tam nova ainda, vai já para um número de mil filiados.

Isto, que não é tudo quanto pode e deve fazer-se, é, contudo, bastante já para o estado de cansaço moral em que nos deixou a guerra e os movimentos dela resultantes.

Porque antes dela, e outros eram aqueles tempos, grandes trabalhos se fizeram para a disseminação entre o público dos ideais de beleza, de justiça e de humanidade, pelos quais sempre lutamos.

Alegram-nos esses esforços pela cultura popular, porque são um sintoma de que vamos voltar aos tempos em que se fazia com tanto amor e com tanta tenacidade—je quanta propaganda poderemos fazer!—propaganda.

Surge de novo o Ateneu Popular, uma escola onde os nossos pensamentos são levados ao público, uma fonte onde as nossas verdades emanarão para a massa ignorante de sempre e mais prevenida do que nunca.

A revolução é uma obra colossal em que todos trabalham. O Ateneu Popular pode ser e há de ser uma máquina poderosa que todos devemos ajudar para a construção da nossa obra.

Não basta que sobrepujamos as pedras que não de formam o nosso edifício. É preciso que, as firmes solidamente para que sólido possa ser o nosso trabalho.

O Ateneu Popular volta a exercer a sua actividade. Podem os seus reorganizadores contar com todo o nosso apoio.

A GREVE

DOS

Trabalhadores dos jornais

Prosegue a luta

Nunca a classe alguma em greve se tem oposto tantos obstáculos como à dos trabalhadores dos jornais, que no entanto conserva o mesmo espirito de resistência do primeiro dia.

As empresas jornalísticas, que desde o início do movimento procuraram por todos os meios, os mais desleais, estabelecer a confusão entre os trabalhadores em luta, tem inventado toda a casta de mentiras para ver se conseguem os seus fins. Uma a uma se vão desfazendo as atoardas das empresas, devendo elas já estar convencidas que não desmoronará facilmente a solidariedade de classes que sabem o que querem.

Os governos, quando deviam exercer um papel neutro em conflitos desta natureza, tem-se prestado a colaborar com as empresas, dando-lhes militares para confectionarem os jornais, mas nem mesmo assim o moral dos grevistas se tem ressentido, porque os animos do desejo de serem satisfeitos as reclamações apresentadas e pelas quais lutam com entusiasmo.

Pois apesar desses obstáculos e ainda das tendenciosas notícias que de vez em quando publicam os jornais das empresas sobre o movimento, ele prossegue e prosseguirá até que as referidas empresas se resolvam a entrar no caminho que desde o princípio deviam ter trilhado, que é o de atender as classes reclamantes.

A solidariedade da classe operária

A Associação de Classe dos Empregados Menores dos Correios e Telégrafos, na sua última reunião, deliberou contribuir com 100000 para auxílio dos trabalhadores dos jornais em greve, quantia que já foi entregue ao tesoureiro da comissão executiva.

Também o Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil votou na sua última reunião a quantia de 50000, com o mesmo fim e que igualmente foi entregue ao mesmo tesoureiro.

Tendo o comité conhecimento de uma localidade em que alguns jornais sobre os operários manipuladores de pão, em que se dizia que uma comissão tinha sido chamada pelo sr. presidente do ministério, e que depois disso mandara retomar o trabalho, é enviada a classe em geral que essa comissão foi ali apenas para sua iniciativa e não porque a missão lhe tivesse sido confiada pela classe, motivo pelo qual este comité apenas para todos os operários manipuladores de pão no sentido de que não retomem o trabalho sem que este comité ordene o mesmo tempo aconselha quaisquer operários que estejam trabalhando abandonarem as padarias, uma vez que o triunfo das nossas reclamações despende o esforço de toda a classe consciente e não apenas duma parte dela.

De mais este comité nos camarádas que leiam todos os dias a *Batalha* que publicará as notas nas colunas sobre o movimento.

Não esqueçam, a classe, que este comité está vigilante e nele pode contar para que vitória seja um facto.

O que vai na Rússia

segundo a «Rádio»

BERLIN, 9.—Informamos que Máximo Gorki publicou um apelo urgente para que fosse prestado auxílio à mentalidade russa, que se via em deploráveis condições por falta de recursos, tendo o governo recusado aceitar a importação de muitas adivas de géneros alimentícios. —*Rádio.*

O QUE A GUERRA NOS TROUXE

A PASSAGEM DO CORTEJO

AS FORÇAS REACCIÓNÁRIAS TIVERAM ONTEM UM DIA VERDADES EXCELENTE

A passagem do cortejo apanhou-nos quase de surpresa; tolichou-nos o passo da rua Augusta, quando desfilávamos através para o lado ocidental da cidade. Filas compnias de gente atulhavam os passeios. Queríamos atravessar, tínhamos trabalhos de redacção a executar e a multidão erguia-se na nossa frente, unida, formidavelmente unida, forte e inabalável como um muro largo dum castelo ou duma fortaleza moderna.

—O cavalheiro dá-me licença?
—Que deseja?
—[Atravessi!]

Isso era preciso que o deixassem... Ergueram-se protestos; olhares ferozes caíram sobre nós, bengalas tolicaram o espaço; baionetas de soldados da guarda-republicana brilhavam no ar. Ficámos, resignados. Contra a força não há resistência. Para não perder o tempo, veríamos o cortejo. Não é mau espectáculo ver a figura ridícula que os outros fazem. Trocámos, pois, o trabalho por um espectáculo. E, afinal, que estava toda aquela gente ali a fazer, senão gosando um espectáculo raro?

A rua não comportava mais multidão. Como uma maré que enche, os espaços iam diminuindo; olhava-se por ali a baixo e era um mar de cabeças, vasto, infinito. O sol estava magnífico; sob os seus raios vivificantes tudo fulgurava; os vermelhos eram mais vermelhos, os amarelos lavrados dos lençóis das saias; que vieram à cidade para gozar este grande dia, brilhavam como no velho; a diversidade de formas deliciava a vista. Tantas cabeças diferentes! Chapéus de senhora empulmados de branco, agitando-se no ar, lençóis vermelhos, docas negras, cabelos fúlvos ao sol, tudo numa massa confusa e ondulante, causavam vertigens. Das janelas, apinhadas de senhoras *chics*, pedras de meninas casadoras e pintadas, pendiam colchas de colorido intenso, dândo aos prédios um quê de oriental, emprestando à jornada gloriosa dos soldados desconhecidos o sabor festivo, alegre e delirante dum grande dia de tourada sangrenta e entusiástica.

Espera-se a pé firme—Os comentários

O povo, a pé firme, esperava ansiosamente que o cortejo chegasse. «Ainda vem longe», diziam uns; «já daqui a umas duas horas», contestavam outros.

Todos conversavam. Os que se conheciam e os que não se conheciam. Era um ruído ininterrupto e confuso que pairava na atmosfera quente desse dia de primavera inegável. O Joffre é que se agitentou em França... Estás a pedir poucas... Mas quem é que está a empurrar? Este lugar é seu? Isso também em queria. E os presos devem vir todos p'ra rua. E veem todos...

O senhor está encostado à minha filha. Frases soltas neste género, despreziam-se das conversas de toda aquela gente e chegavam aos nossos ouvidos, nítidas, compreensíveis.

Começava a multidão a impacientar-se. As horas passavam lentas e a nossa vista, por mais que procurásse ali ao fundo, ao Arco, não descobria sombra de cortejo. Via apenas multidão, sempre multidão, contida em linha pela fileira de baionetas da guarda republicana.

As nossas pernas começaram a vergar, o cansaço invadía-nos e resolvemos descansar na própria multidão fofa. Uma senhora gorda que junto de nós soprava e dizia constantemente que desejava apenas ver as mãos dos desconhecidos, serviu-nos de ótima almofada. Alta, enorme, paquidérmica, nem reparou que a ela nos encostáramos. Eramos uma espécie de mosca que pousava sobre um elefante.

Enfim! — Um bispo que passa — Aplausos delirantes

Ora até que enfim! Um frémito agitou os milhares de pessoas que se comprimiam um movimento de ansiedade fez tremer todas as plumas, agitar os guardas-sois berantes, que lembravam cogumelos de colorido forte. Um ténue ruído de palmas subiu a rua até nós. O povo, que se apertava nas janelas, nos andámes, e nos telhas—os, como moscas sobre um pedaço de marmelada, mexia desordenadamente os braços, agitava lençóis e dava palmas.

O cortejo começava a passar. Uma carruagem deslousou rápida; oviram-se alguns vivas à pátria, frouxamente correspondidos, palmas debeis e berros soltos; levava o presidente da república, o sr. Bernardino Machado e não sabemos quem mais. Voltou-se depois a monotonia da expectativa. Decorram minutos aborrecidos. De súbito, a guarda republicana apresentou armas. Lá no outro quarteirão os espectadores aplaudiam freneticamente, muitos vivas à pátria, as palmas aproximavam-se. Que será? Era certamente um belo número. Surgiu enfim, no meio da rua, um padre, um autêntico padre, nas suas vestes características, apesar de todas as proibições da república.

—E' o bispo de Beja—gritaram alguns populares.

Era efectivamente o bispo de Beja. Não o conhecíamos. Das galerias as palmas ecoaram entusiásticas e alegres; da rua a multidão aplaudiu também—por contagio. O grande sacerdote, acompanhado de outros, cumprimentava pa-

ra a esquerda e para a direita, gozava o ambiente acolhedor, que as meninas *chics* e os senhores *snobs* criavam das janelas. O grande vulto da igreja era acolhido assim, alegremente, como se as meninas e os senhores das galerias há muito o esperassem. A alegria deles só seria comparável à dos sebastianistas, que numa manhã de nevoeiro, vissem surgir o D. Sebastião em carne e osso.

Não nos admirámos dos aplausos, não nos espantou tam pouco a atitude do bispo. Pois se o sr. presidente da república é agora, todo gentilezas com o patriarcal Reino a harmonia, a concórdia entre republicanos e católicos. É uma verdadeira miséria sagrada...

Joffre ovacionado—Afonso Costa mendigando palmas

Pouco depois passava, entre outros, o dr. sr. Magalhães Lima, o que odia a religião, uma das maiores figuras da democracia. Ninguém deu pela sua passagem. Não houve uma manifestação de simpatia para com ele. E ficámos pensando se uma frase que anteceder ouviramos na Câmara Municipal—«o povo de Lisboa é o mais republicano do Universo»—corresponderia à verdade.

Desfilaram depois, ante os nossos olhos, inúmeros carros carregados de coroas, que o povo já admirava nas montas. Passou depois tropa, muita tropa, a pé e a cavalo.

Joffre também apanhou palmas e flores. Joffre é mais alto do que baixo. Cocheava um pouco duma perna, que parecia não suportar bem a sua górdura belofa. Lá lá, com um sorriso amarelo, aborrecido, de quem está habituado a receber manifestações em barda.

Logo a seguir vinha o sr. Afonso Costa, tirando o chapéu a algumas saudações que velhos demorados lhe atravavam, saltados do belo tempo em que sofriam a sua tirania.

Tudo passou pela nossa frente. Multidões, estrepados, mancos, caras de fome, marinheiros ingleses marechando com acerto, como automóveis movidos pela mesma corda; marujos americanos, corpos alentados, atléticos, direitos e altos, marcando passo com energia; bandas de música, que tocavam tudo: hinos, *Madelon*, e marchas espanholas, que traziam um certo sabor a praça de touros. Um trem negro transportava as mãos dos soldados desconhecidos, todas igualmente vestidas de preto, todas de face tristonha, chorona, lembrando carpidieiras que tivessem recebido convite especial para fazer de mães chorosas e infelizes. Havia um quê de cômico em toda aquela tristeza, que se nos afigurou forçada, contrastando com o tom alegre dos esquifes cobertos de flores e de borraochos brancos, aves inocentes que provavelmente o sr. Joffre e as missões estrangeiras, devorariam, cobiosamente com ervilhas, no *pic-nic* da Batalha.

Azul e branco, azul e branco e continua...

Não faltaram os meninos de escola, acompanhados de professoras felizes, nem os pupillos do exército, nem os rapazes do colégio militar. Passaram associações industriais e comerciais, toda aquela gente que forma na Confederação Patronal; indivíduos com cara de maçoas e maçoas com cara de mercadores. Apareceram os do Club Naval, fardados como oficiais de marinha. Brilhavam decorações em todos os peitos e botões amarelos em quasi todos os homens; surgiram de súbito muitas senhoras, pouco galantes, não sabemos de que agremiação, talvez da Cruzada. A juventude Católica fez-se representar com pendão azul e branco, lacas azuis e brancas por toda a parte. E foi ovacionado. Os estudantes integralistas, de cabelo ao sol, levavam um ar triunfante e fitavam olhos líbricos nas meninas que, das janelas, lhes lançavam flores, porque gostaram muito das bandeiras azuis e brancas que eles erguiam altivamente. A guarda-republicana fechava o cortejo, muita guarda-republicana!

Antes que o povo começasse a debandar, abandonámos o local. Já se podia passar.

E vinhamos perguntando a nós próprios—m que regime vivemos? monárquico ou republicano?

Nós sabemos que a guarda os defende a todos igualmente, aos azuis e aos verdes...

Isto, por mais que nos digam, anda para traz...

Mineiros ingleses

Os operários de transportes irão para a greve

LONDRES, 9.—O *Daily Chronicle* anuncia esta manhã que se, durante a reunião que se celebrará esta manhã, também a Federação dos ferroviários e de transportes decidirem entrar na greve, esta começará às 12 horas da noite de domingo. —*Rádio.*

Concentram-se tropas para proteger os amarelos

LONDRES, 9.—As amas e bebés vieram fechadas as portas do Hyde Park, porque este foi ocupado por tropas vindas da Irlanda e do Reno, que pretendem proteger os voluntários em caso de uma greve geral. —*Rádio.*

Trabalhadores. Lede e propaga a Batalha

